

# Uma semana a contar o **Tempo**

... com obras do MNAA  
e calendários especiais!

Estamos todos a viver uma época das nossas vidas difícil e incerta, que nos tem colocado muitas interrogações, dúvidas e ao mesmo tempo grandes desafios.

Esta semana o **MNAA** lançou um **desafio a todos aqueles** que nele queiram participar!

O que é o tempo?  
Como o conseguimos medir?  
E representar?

Desde 2ª feira, e até hoje, foram diariamente reveladas obras do MNAA relacionadas com a ideia de Tempo. São objetos que nos contam direta ou indiretamente histórias sobre este tema.

Pedimos que aí em casa nos ajudassem a enriquecer estas histórias e fossem construindo, à medida que a semana avançasse, o **vosso próprio calendário semanal**.

Chegou o momento de **partilharem connosco as vossas experiências** e aventuras! Enviem-nos uma **fotografia** hoje, dia **3 de maio**, que revele o vosso registo temporal de como foi a vossa semana para **[mnaa.servicoeducacao@gmail.com](mailto:mnaa.servicoeducacao@gmail.com)**.

Não se esqueçam de assinar os vossos trabalhos!\*

Imaginação ao alto! 😊

# Calendário semanal do **MNAA**



# Ampulheta

Um dos instrumentos mais antigos para conseguir medir a passagem do tempo. Formado por um recipiente de vidro dividido em dois compartimentos cónicos que comunicam entre si, e através do qual cairia aos poucos uma quantidade de areia muito fina ou casca de ovo moída, e cujo esvaziamento total da parte superior equivaleria a uma quantidade de tempo acabado de decorrer.

Nas duas bases encontramos, cinzelados em relevo, importantes símbolos. Numa o emblema do rei D. Manuel I, a esfera armilar e na outra as armas reais portuguesas. Apesar de não se saber a proveniência desta ampulheta, é de se supor que tenha vindo do palácio real ou de alguma instituição ligada à coroa.

Outro elemento decorativo de realçar são as seis colunas que unem as bases da nossa ampulheta. Repara que nas extremidades de cada uma delas conseguimos encontrar gárgulas ou pequenos animais fantásticos!



*Ampulheta*

Portugal, 1º quartel do século XVI

Prata dourada, fundida, vazada, cinzelada e vidro

3ª feira

28 abril

## *Livro de Horas, dito de D. Manuel I*



*Livro de Horas, dito de D. Manuel I.*  
*Ofício dos Mortos* (fls. 129v. e 130)  
António de Holanda (atrib.), 1530-1534  
Têmpera e ouro sobre pergaminho

Os *Livros de Horas* eram livros de oração para devoção particular, com uma série de orações a recitar ao longo do dia, segundo “horas” específicas. Os textos eram em latim (a língua oficial da Igreja) e por isso eram iluminados com miniaturas que ilustravam a vida de Cristo, da Virgem Maria e dos Santos. Incluíam também calendários com os dias das festas litúrgicas e podiam ser personalizados com retratos dos seus proprietários.

Algumas das orações dos Livros de Horas chamam-se “ofício dos mortos” e serviam para marcar o tempo dedicado à oração pelos que tinham partido. Nesta miniatura do *Ofício dos Mortos* do *Livro de Horas* dito de *D. Manuel* representa-se a “quebra dos escudos”, cerimónia realizada dias após a morte do rei. Para além de relembrar o tempo de oração, é também um exemplo de outra maneira de “marcar o tempo”: mostra-nos Lisboa em 1521 (onde se vê muito bem a Rua Nova dos Mercadores) e assinala um acontecimento que era importante ficar na História, documentando-o para a posteridade.

4ª feira

29 abril

# *Vista Panorâmica do Mosteiro e Praia de Belém*

O tempo está sempre em andamento e por vezes nem temos noção de que os lugares, cidades que nos habituamos a frequentar se vão modificando, transformando. Alguma vez imaginaste que há muitos séculos atrás Belém era assim?

Repara bem na pintura que hoje te mostramos, certamente reconheces as diferenças do passado para o presente. Onde está o jardim em frente ao Mosteiro dos Jerónimos? E a Torre de Belém? No meio do rio Tejo! Como conseguimos chegar até lá?

Podemos encontrar muitas figuras nesta praia de Belém: fidalgos, pescadores trazendo os cestos carregados de peixe, vendedores ambulantes com as suas mulas carregadas de mercadorias, mulheres enchendo as bilhas na fonte, cavaleiros a dar de beber aos animais, um par de namorados vestido a preceito, uma mulher trazendo na cabeça um cesto talvez de roupa para lavar no rio, um cão que aproveita para matar a sede num charco...



*Vista Panorâmica do Mosteiro e Praia de Belém*

Filipe Lobo, 1657

Óleo sobre tela

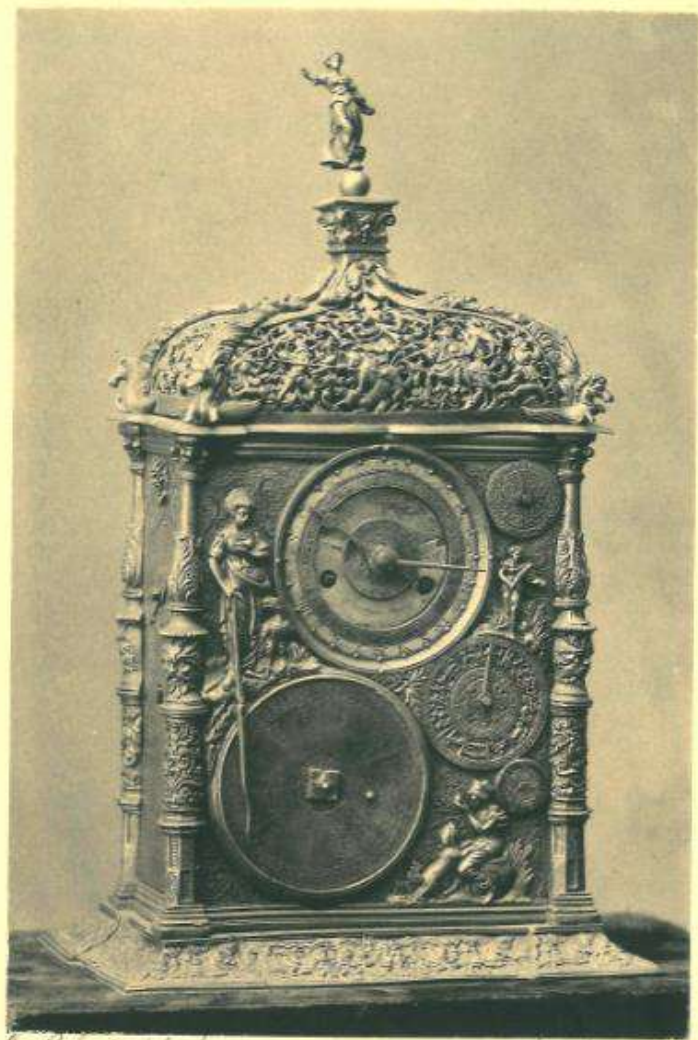
5ª feira

30 abril

## Reprodução fotográfica de Relógio

Qual é o marcador do tempo mais conhecido e usado no mundo inteiro? O relógio! O exemplar que hoje vos mostramos, na fotografia, é um pouco diferente do habitual. É uma galvanoplastia, palavra estranha e difícil, que significa reprodução em metal de um outro objeto feita a partir de processos eletroquímicos. Esta galvanoplastia, feita na Áustria por volta de 1870, faz parte das coleções do MNAA, tal como a fotografia. Já o Relógio "original" é de 1564, foi produzido na Alemanha e pertence ao Kunsthistorisches Museum de Viena. A fotografia, ainda a preto e branco, foi registada por um famoso fotógrafo português chamado Carlos Relvas, em 1882, no contexto de uma exposição que está muito ligada à história do Museu Nacional de Arte Antiga: a Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola.

As galvanoplastias eram sobretudo modelos ornamentais e foram muito colecionadas por museus de artes decorativas no século XIX, com a função de formarem o gosto estético dos seus públicos (desde os estudantes aos artistas). Este "Relógio", por exemplo, não tem os mecanismos internos de um relógio normal (como era decorativo, não precisava de funcionar). É, na realidade, um relógio que finge contar a passagem do tempo. É um relógio que, ao mesmo tempo, não o é.



Reprodução fotográfica de Relógio

Carlos Relvas, 1882

Fototipia

Arquivo Fotográfico MNAA

6ª feira

1 maio

## *Milagre de Santo Eusébio de Cremona*

Pode uma pintura, parada e silenciosa, transmitir a passagem do tempo? Se não podemos falar de princípio, meio e fim numa pintura, ao contrário de um livro ou de um filme, como pode a mesma contar uma história? É a resposta a estas questões que hoje revelamos através da pintura de Rafael Sanzio, um dos grandes nomes do Renascimento italiano.

O pintor conta-nos um episódio da vida de Santo Eusébio de Cremona: o milagre da ressurreição de três jovens. Perante o espanto e a incredulidade das figuras que assistem à cena, está Santo Eusébio de pé junto aos jovens que a pouco e pouco faz regressar à vida. Repara na mestria de Rafael ao combinar mais de um momento no mesmo espaço. Consegue dar-nos a ilusão de uma ação a acontecer perante os nossos olhos, ao representar o movimento sequencial que marca os diferentes momentos do regresso à vida dos três jovens: um ainda prostrado no chão, o do meio já a querer levantar-se e, por fim, o último em atitude de oração.

Quem diria, quatrocentos anos antes da invenção do cinema, já muitos artistas conseguiam dar a ilusão da imagem em movimento!



*Milagre de Santo Eusébio de Cremona*

Rafael Sanzio, c. 1502-1503

Óleo sobre madeira de Choupo



sábado

2 maio

# As Três Idades

Hoje, véspera do Dia da Mãe, trazemos uma pintura bem divertida e envolta em mistério. Quem serão as três senhoras aperaltadas a posar para o retrato?

Lê o título da pintura! Serão avó, mãe e neta? Algumas feições parecem idênticas. Serão modelos da mesma família que o pintor usou para representar a ação do tempo no ser humano, dando-nos uma imagem alegórica das três idades da vida: maturidade, juventude e velhice. E como diz o provérbio “no meio é que está a virtude”: a jovem rapariga segura na mão esquerda um livro. E a flor azul, será que tem algum significado especial?

Apesar de todas as dúvidas algo é certo. Os laços farfalhudos e a cor azul devem ter sido o grande grito da moda, a grande tendência primavera/verão de 1828!



*As Três Idades*

António José Pereira (atrib.), c. 1828

Óleo sobre tela

domingo

3 maio

# Calendário

Já é domingo e o nosso desafio está prestes a terminar. A obra que hoje vos mostramos, a única das sete que não pertence ao MNAA, é formada por um conjunto de 12 pinturas, de nome *Calendário*. São bons observadores? Então já descobriram o porquê do título! Cada pintura corresponde a um mês do ano, visível no topo de cada uma. Repara na caligrafia! Usava-se na antiga Flandres, hoje Bélgica, local de origem do artista que as pintou.

Peeter Balten viveu no século XVI e foi influenciado pela noção medieval de tempo cíclico, muito representada nos Livros de Horas. Lembra-te da obra de 3ª feira?! O ano inicia-se no mês de janeiro e avança até dezembro para recomeçar a contagem novamente a partir de um novo janeiro. Nada mais é do que o modo atual de nos orientarmos para controlar o nosso Tempo.

Era comum ilustrar-se os meses do ano com cenas e personagens relacionadas com a vida quotidiana do meio rural: festas dos camponeses, feiras, celebrações religiosas, trabalhos do campo... Temáticas extremamente importantes que davam um sinal de riqueza e abundância, numa época marcada por lutas religiosas entre católicos e protestantes.



## Calendário

Peeter Balten (atrib.), c. 1580

Óleo sobre madeira de carvalho

Sé de Miranda do Douro



domingo

3 maio

Vamos então tentar perceber, em cada uma das pinturas, o que nos mostra cada personagem!

Na primeira pintura o ambiente é de inverno. Reparem como a paisagem e o vestuário da figura que se protege com umas luvas bem grossas, sugerem o primeiro mês do ano, **janeiro**. O homem segura aquilo que parece ser uma ânfora e pensa-se que este objeto esteja ligado ao Aquário, o signo do calendário zodiacal que se inicia neste mês.

Em **fevereiro** o tempo continua bem frio: a senhora traz consigo um fogareiro, talvez para se aquecer. Tem uma expressão satisfeita. Será pela deliciosa *waffle* que está prestes a comer?

**Março** é o mês que anuncia a primavera, estação de fertilidade e renovação. Reparem como as árvores já têm folhagem! A senhora, com a sua pá, já está preparada para dar início às sementeiras. Em **abril** vemos uma figura que carrega um bezerro às costas. Estará associado à figura de Jesus Bom Pastor ou é simplesmente para vender no mercado?



domingo

3 maio

Esta senhora, toda aperaltada, de toucado branco e gola rendada, parece contente de rosa na mão. Estamos em **maio** e a primavera está no seu auge, os campos estão floridos e o passeio convida. Em **junho**, ao começar o verão, é também tempo de fazer a tosquia às ovelhas: repara no instrumento que o camponês segura na mão...

É preciso começar o trabalho dos campos! No mês de **julho**, uma camponesa de ancinho e mangas arregaçadas parece estar pronta para iniciar mais um dia na lavoura. Durante **agosto** o trabalho agrícola continua: é só colocar um chapéu para proteger a cabeça do sol e agarrar na foice.



domingo

3 maio

Chegou **setembro**, uma época do ano ainda com muita fruta, e bem madura. Será um ganso que a senhora traz ao colo? E os frutos, consegues perceber quais são? **Outubro** é mês de festa e alegria! Lá está o copo de vinho a comprovar, símbolo dos antigos deuses foliões como Baco, o romano. Mas há que vestir à altura da situação: a figura tem um avental típico das confrarias da Flandres e um estandarte de festividade.

Na penúltima pintura, que estranha coisa segura a senhora com as mãos? São vários pássaros pequenos atados... Chegámos a **novembro** e a estação da caça está aberta! E claro, em **dezembro** já temos um javali caçado, quase a ir para o espeto... Preparem-se, a todo o momento o assado pode ser servido. Prontos para o banquete?

\*\*\*

E agora queres experimentar fazer como o Balten? Ilustra o teu maio com tudo aquilo que achas que ele representa. Mas antes, damos-te uma ajuda preciosa, cheia de cor e sabor: maio é o mês das cerejas!

Podes enviar a tua ilustração para [mnaa.servicoeducacao@gmail.com](mailto:mnaa.servicoeducacao@gmail.com)

## Ficha técnica

Todas as obras do MNAA têm créditos fotográficos DGPC/ADF

A obra *Calendário*, da Sé de Miranda do Douro, tem créditos fotográficos de Manuel Correia

**Edição, Conteúdos e Produção:**  
Serviço de Educação MNAA